EDUCAÇÃO & REALIDADE
31(2):5-8
jul./dez. 2002

EDITORIAL

A leitura dos textos deste número de *Educação & Realidade* remeteu-nos de imediato a dois autores que muito prezamos: Roland Barthes e Georges Bataille. Eles oferecem, em suas obras, material inestimável para pensar a relação entre saberes, comunicação e experiência, nas mais diferentes combinações possíveis entre tais conceitos: a experiência da comunicação; a experiência do saber; o sabor da experiência; a comunicação dos saberes; o saber na comunicação. De fato, se quisermos buscar o tratamento da experiência não como simples vivência; se quisermos nos afastar seriamente da fórmula tediosa da comunicação como trocas e enlaces entre mensagem, emissor e receptor; e se quisermos ir além do saber como conhecimento – é preciso arriscar-nos a pensar na companhia de pensadores como Barthes e Bataille (aquele com sua *Aula*, este com *A experiência interior*, por exemplo[1]). Trata-se do risco dentro do risco. E por que não arriscar?

Muito se tem escrito sobre experiência, especialmente com inspiração em Walter Benjamin, que articulou esse conceito com os de tradição e narração, implicando-o com questões importantes da linguagem, da arte e da própria educação – como vemos num dos artigos deste número, escrito por Marcelo de Andrade Pereira. Outro colaborador – Rodrigo Pelloso Gelamo – parte desse mesmo conceito e também de Benjamin, para oferecer aos leitores um debate sobre o ensino da filosofia hoje. Marcelo e Gelamo de certa forma são acompanhados de José Fernandes Weber, que discute em seu artigo a riqueza polissêmica do conceito de *Bildung*, o qual diz respeito à formação, autoformação e também cultivo. Mais uma vez, estamos diante do problema da histórica separação entre conhecimento, cultivo de si mesmo e formação política – já apontado pelos filósofos gregos e latinos clássicos – e da necessidade de pensarmos educação estética, produção de conhecimento e formação política como plenamente inter-relacionados.

Luciane Uberti colabora com este número, entrando no debate filosófico contemporâneo, aqui fundamentada em Foucault – um autor que tão bem discutiu e elaborou o tema do cuidado de si e do conhecimento de si (em *A hermenêutica do sujeito*, de modo especial). Luciane questiona problemas fundamentais do pensamento contemporâneo, como as noções totalizadoras do discurso, que convivem em nossos dias com a apologia de relativismos extremamente perigosos. Segundo a autora, a estes se associa uma dificuldade série de seleção, hierarquia e posicionamento, no que se refere a questões éticas, decisivas para a sobrevivência de uma sociedade no mínimo mais justa e aberta à diferença, no sentido a ela atribuído por Jacques Derrida.

Que singularidade (e que diferença) poderia ser conferida ao espaço institucional da escola em nossos dias? Teria esse espaço alguma possibilidade de fazer-se um lugar de arte e para a arte? As autoras Andréia Machado Oliveira e Tânia Mara Galli Fonseca defendem que sim, e encontram em Deleuze e Guattari ferramentas potentes para argumentar a favor de uma "desacomodação" das pedagogias vigentes. Como que complementando as elaborações de Tânia e Andréia, Maria Alice Nogueira também pesquisa esse espaço institucional e o analisa sob o ponto de vista da intensificação das interações entre família e escola, indagando-se, a partir da sociologia, sobre que mudanças são essas e em que medida elas transformam os modos de se fazer educação, numa sociedade cujas tranformações ocorrem com tamanha velocidade, especialmente quanto aos modos de comunicação e informação.

É justamente a partir dessa nova "ordem institucional" que o texto de Tânia de Freitas Resende se situa, e no qual é tratada uma pesquisa com crianças, sobre os papéis da família e da escola, no que se refere ao acesso à informação, com todas as marcas de desigualdade que esse processo configura em nosso País. Por sua vez, nosso colega Gustavo Fischman, participante ativo e sempre presente em nosso Conselho Editorial, oferece instigante proposta de investigação a partir de fotografias escolares, tratadas como "analisadores" e postas em relação com outras ferramentas, como as entrevistas, na pesquisa qualitativa. Como se vê, de alguma forma ou de outra, os grandes temas deste número estão presentes em todos os artigos; comunicação, saberes e experiência também estão na base do texto de Fischman – e, neste caso, do ponto de vista de uma proposta metodológica muito clara, que articula educação e comunicação visual.

O estimulante desta edição de *Educação & Realidade* está em que temos no conjunto dos artigos não só a discussão de pesquisas e a proposição de modos de investigar, mas igualmente o consistente debate teórico. Um dos autores deste número, Cleber Gibbon Ratto, explora o fato de nos afirmarmos como uma "sociedade da comunicação e da informação" e aponta uma das marcas principais de nossos tempos: a compulsão a falar de si mesmo que, muito diferente da prática do cuidado de si na pólis grega, não tem correspondido a um fortalecimento nem do espaço público nem da própria ação política. E Antônio

Zuin, apoiado em Theodor Adorno, faz uma análise histórica e filosófica sobre o processo educacional e formativo, mostrando o quanto este é marcado por diferentes mediações técnicas e comunicacionais – vistas prioritariamente como fruto de trabalho humano.

Recorremos a Georges Bataille não por acaso nem por mero deleite: suas "viagens" sobre a experiência interior falam do intenso movimento do pensamento, da articulação plena entre corpos, signos e símbolos, enfim, da intensa comunicação que se dá entre nós e nossos semelhantes – já que a riqueza daquilo que somos não se situa jamais em um ponto único: somos comunicação. Se nossos projetos se fecham em nós mesmos, diz Bataille, nossa vida não passará de uma vida igual a qualquer outra: privamo-nos do "maravilhoso". Este "maravilhoso" de Bataille teria a ver com a busca do "máximo sabor possível", de que fala Roland Barthes em sua *Aula*? Penso que sim. O máximo sabor possível: na entrega às experiências, aos saberes que nos transformam, às infinitas possibilidades das mediações nos processos comunicacionais.

Aos leitores, um abraço e o desejo de um ótimo encontro com os autores que gentilmente nos ofereceram seus textos; também com Barthes e Bataille.

Rosa Maria Bueno Fischer
Editora

1. BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978; BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. São Paulo: Ática, 1992.